

A PRIMEIRA CAMPANHA DE DESTRUIÇÃO DE WILLIAM T. SHERMAN

Por Buck T. Foster*.

Artigo adaptado de seu livro "Sherman's Mississippi Campaign".



Major-general William Tecumseh Sherman (Mathew Brady, circa 1823 – fotografia colorizada/Zuzahin/Deviant Art).

Sherman acreditava que a melhor forma de terminar a guerra era destruir os recursos do inimigo, o que fez com que ele causasse mais estragos nos suprimentos e na psique de uma população inimiga do que qualquer outro general da Guerra Civil americana.

Cerca de sete meses após a queda de Vicksburg, o major-general William Tecumseh Sherman conduziu seu exército pelo centro do Mississippi com a intenção de minar a capacidade daquela região de travar uma guerra. Seu alvo militar era o centro ferroviário de Meridian, mas as tropas de Sherman destruíram os trilhos da ferrovia e queimaram provisões militares ao longo de toda a rota. Isso era típico de exércitos marchando em território inimigo na Guerra Civil.

O que tornou essa campanha diferente é que, pela primeira vez, as tropas do Norte foram instruídas a travar uma guerra de destruição, para deixar os civis com apenas o suficiente para a sobrevivência, mas não o suficiente para apoiar a atividade militar contra o Norte. Eles também travaram uma guerra psicológica, com a intenção de anular qualquer esperança que as pessoas no centro do Mississippi pudessem ter de uma vitória do sul. A campanha seria o modelo para a Marcha para o Mar de Sherman através da Geórgia e depois para a Carolina do Sul, e para a incursão de Phil Sheridan no Vale Shenandoah.

A marcha de Sherman de Vicksburg para Meridian, Mississippi, no início de 1864 é relativamente desconhecida, embora publicações que discutem "guerra dura", "guerra total" ou guerra moderna às vezes mencionem essa campanha. Dois dos

melhores exemplos são *How the North Won the War* (1983), de Herman Hattaway e Archer Jones, e *The Hard Hand of War* (1995), de Mark Grimsley.

Cada monografia avalia o papel da expedição como o início do novo estilo de guerra do Exército Federal, trazendo as realidades da guerra para uma população civil, mas nenhuma fornece detalhes sobre exatamente o que Sherman aprendeu aqui ou o significado geral da campanha. Embora Hattaway e Jones descrevam a estratégia federal em mudança e Grimsley observe como as atitudes federais em relação aos civis do sul mudaram durante a guerra, eles não criam um quadro completo da campanha de Sherman.

Da mesma forma, as biografias de Sherman dão pouca atenção a essa campanha. Por exemplo, *Sherman: A Soldier's Passion for Order* (1993) de John F. Marszalek dedica apenas cinco páginas a ele, enquanto *Citizen Sherman* (1995) de Michael Fellman, *The White Tecumseh* (1997) de Stanley P. Hirschson, e *Sherman: A Soldier's Life* (2001) de Lee B. Kennett, mal mencionam isso.

No entanto, foi nessa expedição que Sherman alterou muito a maneira como fazia campanha, desenvolvendo um estilo único de guerra que modificou drasticamente suas atitudes em relação a civis, escravos, soldados, destruição, táticas e planejamento. A Campanha Meridian foi crucial para a evolução do estilo de luta de Sherman.

Sherman não desenvolveu seu estilo de guerra em uma semana ou mesmo em um ano. Levou todo o curso da guerra para transformá-lo de um comandante que procurava excluir os civis do conflito para se tornar um líder que buscava ativamente maneiras de aterrorizar os civis do sul para que desistissem de sua causa – sem feri-los. Nos primeiros três anos da guerra, Sherman deixou de proteger rigorosamente os civis do sul e suas propriedades para acreditar que esses cidadãos eram os responsáveis pela guerra e precisavam ser convencidos a parar de apoiá-la.

O general passou muito tempo no Sul como oficial do Exército dos Estados Unidos e como superintendente do que mais tarde se tornou a Louisiana State University. Ele tinha muitos amigos do sul e, portanto, tinha uma ligação com o sul e seu povo. Sherman buscou, portanto, uma forma de encerrar a guerra com o mínimo de derramamento de sangue possível. Toda a sua experiência de guerra, particularmente como subordinado de Ulysses S. Grant, deu-lhe conhecimento de campo de batalha e táticas para fazer exatamente isso.

Enquanto Sherman estava em Memphis em 1862 e 1863, guardando a importante cidade fluvial e o rio Mississippi, ele lutou constantemente com unidades de guerrilha e cavalaria confederada operando no Mississippi e no Tennessee. Depois de esgotar todos os métodos convencionais para lidar com essas ameaças, ele começou a atacar as cidades locais do sul, que considerava as bases de abastecimento dos confederados. Ao pegar ou destruir suprimentos, Sherman tentou impedir que os confederados continuassem a luta, ao mesmo tempo em que punia os cidadãos por apoiarem o inimigo. Embora tenha tido sucesso limitado com essa tática, Sherman acreditava que a chave para proteger o Mississippi, uma chave importante para a vitória da União, era atacar os recursos confederados no *Magnolia State*.

Se as tropas confederadas não conseguissem encontrar suprimentos, não poderiam continuar sendo uma ameaça para o rio. Sherman, portanto, criou um plano para destruir as linhas ferroviárias no Mississippi, na esperança de prejudicar o valor militar do estado para a Confederação e acabar com a ameaça rebelde ao Mississippi. Se a ameaça confederada fosse eliminada, as autoridades federais poderiam remover milhares de tropas de guarnição ao longo do rio para uso em campos de batalha em outros lugares.

Depois de retomar Jackson no verão de 1863 após a queda de Vicksburg, Sherman pensou em seguir pela ferrovia em direção a Meridian, uma pequena cidade de cerca de quatrocentos habitantes, localizada a cerca de 160 quilômetros a leste de Jackson, perto da fronteira com o Alabama. Essa movimentada comunidade continha armazéns, depósitos, um arsenal, um hospital e outros alvos militares notáveis. Serviu como centro para o tráfego confederado entre o Mississippi e o resto da Confederação oriental. A Confederação usou a Mobile and Ohio Railroad e a Southern Railroad of Mississippi, que se cruzavam em Meridian, para transportar grandes quantidades de homens e suprimentos através do estado da Magnolia. Além disso, essas linhas funcionaram como uma importante rota interna para transferir as tropas confederadas de uma frente para outra com rapidez e eficiência.

Na época, Sherman decidiu que, devido ao clima quente de verão e à exaustão de seus homens, ele deveria adiar qualquer movimento em Meridian. Simultaneamente, porém, ficou determinado a livrar o estado de seus elementos guerrilheiros e outras forças confederadas que assediavam o tráfego fluvial e representavam uma ameaça ao próprio rio Mississippi. Convencido de que um ataque a Meridian poderia impedir essas forças, em todas as oportunidades ele pressionou por seu pedido para tomar a cidade. Seu plano sugeria a possibilidade de um ataque anfíbio perto de Mobile, um grande ataque de cavalaria, numerosas fintas ou uma marcha de mais de vinte mil soldados de infantaria direto por 240 quilômetros de território inimigo.

Grant, o superior de Sherman, tinha planos maiores que Meridian, mas um ataque à cidade do Mississippi se encaixaria perfeitamente em sua estratégia maior. Grant enviou cartas ao general-chefe do presidente Abraham Lincoln, Henry W. Halleck, em várias ocasiões em julho e agosto, sugerindo um ataque a Mobile. Grant acreditava que a cidade do Alabama poderia fornecer uma excelente base para suas operações nos estados confederados mais a leste, onde poderia atingir alguns dos setores de manufatura e suprimentos do sul. Mobile poderia fornecer a âncora mais ao sul para outra divisão da Confederação. A importante cidade portuária tornou-se, com as vitórias da União em Shiloh e Corinto, a única ligação ferroviária, além de Meridian, do Mississippi ao leste da Confederação.

Halleck achava que o Texas era um alvo mais importante, portanto não deu a Grant a aprovação que este desejava. Nisso, ele refletia a crença de Lincoln de que o Texas era especialmente importante para os interesses dos Estados Unidos.

Já em agosto de 1863, Sherman começou a fazer planos para um movimento contra Meridian. Ele encomendou um mapa contendo a rota pretendida. O mapa incluía informações sobre Meridian no Mississippi, bem como Demopolis e Mobile

no Alabama. Ele esperava atravessar o Mississippi assim que seus homens descansassem e o clima frio de outono chegasse.

Quando chegou a notícia em setembro de que o general confederado Braxton Bragg havia encurralado o major-general William Rosecrans em Chattanooga, Sherman pensou que a melhor maneira de aliviar seu colega era direcionar um ataque a Mobile através de Meridian, fazendo um “desvio poderoso”. Ele argumentou que se o Exército do Tennessee se movesse rapidamente pelo Mississippi e pelo Alabama, Joseph Johnston teria que levar um grande número de homens do exército de Bragg para conter o movimento no Alabama. Sherman, portanto, escolheu a destruição de Meridian como seu principal objetivo para o inverno de 1863-1864.

A maioria das táticas que Sherman empregou durante a Campanha de Meridian, como usar fintas e apreender suprimentos do campo conforme avançava, não eram novas na guerra. Abandonar suas linhas de abastecimento, no entanto, foi uma ideia inovadora. Sherman testemunhou o exército de Grant praticamente realizar esta manobra durante a Campanha de Vicksburg de 1863. Quando a cavalaria confederada destruiu o principal depósito de suprimentos de Grant em Holly Springs, Mississippi, e danificou a Mobile and Ohio Railroad no Tennessee, o exército de Grant subsistiu principalmente com comida e forragem para os soldados colhidas em fazendas ao longo da ferrovia.

Embora o exército de Grant tivesse feito isso apenas por duas semanas, Sherman (e Grant) pensou que seu exército poderia carregar todas as necessidades, exceto comida, em carroças durante sua marcha para Meridian e viver do interior do Mississippi durante toda a campanha.

Marchando em Meridian, Sherman combinou todas as táticas que aprendeu durante os primeiros três anos da Guerra Civil. O que Sherman aprendeu sobre as limitações da Confederação e do povo sulista durante seu primeiro uso em larga escala da guerra dura forneceu a ele o *insight* de que precisava para usar seu estilo de guerra em uma escala ainda maior posteriormente, marchando pela Geórgia e Carolina do Sul.

O método de guerra de Sherman, sob a liderança geral de Grant, tornou-se a estratégia federal para vencer a guerra. Durante o restante do conflito, o exército da União procurou atacar todos os recursos e infraestrutura do sul, na esperança de destruir a capacidade e a vontade da Confederação de continuar lutando.

A Campanha de Meridian dificilmente foi a destruição brutal e sem propósito descrita na mitologia da Causa Perdida. Em vez disso, foi uma estratégia e tática planejada para encerrar a guerra o mais rápido e sem derramamento de sangue possível.

Durante o primeiro ano da Guerra Civil Americana, William T. Sherman considerou o tratamento adequado dos não-combatentes e suas propriedades, seu dever militar. Ele tomou muito cuidado para que suas políticas e a conduta de seus homens não atropelassem os direitos percebidos dos civis secessionistas ou unionistas. Ele aplicava punições severas aos soldados que roubavam cercas para suas fogueiras ou tomavam liberalmente do campo.

No final da guerra, no entanto, a maioria dos sulistas via Sherman como um bruto por seu tratamento severo aos civis sulistas e sua destruição de propriedades nos estados confederados. Seus “vadios” (“bummers”) tornaram-se notórios por sua capacidade de despojar a terra de bens valiosos, e os sulistas os abominavam profundamente. Muitos historiadores atribuem a Sherman a criação da política de “guerra total” da guerra moderna. Embora trabalhos recentes tenham concluído com razão que Sherman não foi o primeiro general a promover uma atitude mais severa em relação aos civis, ele moveu a guerra nessa direção em um grau muito maior do que qualquer um de seus contemporâneos.

As circunstâncias cruciais na transformação de Sherman ocorreram por causa de suas negociações com guerrilheiros ao longo do rio Mississippi e sua participação na Campanha de Vicksburg em 1862 e 1863. Por causa da ameaça dos guerrilheiros aos depósitos, comunicações e linhas de abastecimento da União, juntamente com a população confederada. Com o apoio desses invasores, Sherman desenvolveu uma política mais dura e abrangente em relação aos civis do sul.

Logo após a queda de Vicksburg, enquanto estava em Jackson pela segunda vez, Sherman conduziu uma campanha de destruição para tornar a cidade inutilizável para o exército confederado. A Campanha de Meridian, cerca de seis meses depois, foi sua tentativa preliminar de subjugar toda uma região do estado e serviu como campo de testes para campanhas posteriores na Geórgia e nas Carolinas.

Embora tenha frequentado West Point, Sherman não derivou seus princípios de sua educação lá. A maioria dos oficiais militares profissionais, muitos dos quais frequentaram West Point, estudou as obras do Barão Antoine Henri de Jomini. Enquanto muitos historiadores afirmam que as obras de Jomini tiveram pouca influência sobre esses oficiais porque seu *The Art of War* não foi traduzido para o inglês até o final de 1854, a maioria dos táticos e estrategistas militares do período basearam-se nessa obra para seus próprios escritos.

Jomini afirmou que a violência entre dois exércitos inimigos no campo de batalha tinha poucas limitações, mas que civis fora do combate não deveriam ser incluídos. A “guerra absoluta”, em sua opinião, deveria continuar sendo uma ação reservada aos beligerantes, e não fez menção de estender tal estratégia à população civil. Jomini sustentava que havia um muro definido entre os exércitos em guerra e a população comum. Seus comentários sobre os guerrilheiros implicavam na condenação de seu estilo de guerra.

Sherman concordou com Jomini que os não combatentes deveriam ser tratados de maneira diferente dos soldados. Após a Primeira Batalha de Bull Run, Sherman escreveu à esposa sobre as depredações que alguns sob seu comando haviam cometido: “Se ele [um soldado raso] achar que está certo, ele pega a aveia [e] o milho e até queima a casa de seu inimigo”, escreveu ele com raiva. “Nenhum gótico ou vândalo jamais teve menos respeito pelas vidas [e] propriedades de amigos e inimigos.”

Sherman achava que esses tipos de infrações eram prejudiciais à causa da União. Quando se tornou comandante do Departamento de Cumberland no final daquele ano, ele compensou os civis de Kentucky por todas as propriedades que os federais apreenderam deles para uso militar. Ele achava que essa era a melhor maneira de

impedir que os civis dos estados fronteiriços se desviassem para o lado confederado. Um jornal do norte declarou que a política de Sherman havia “produzido uma mudança marcante em favor da causa da União”.

Em julho de 1862, Sherman escreveu a Halleck sobre um incidente envolvendo um grupo de guerrilheiros atacando um trem forrageiro. Ele acreditava que eles eram um bando de cidadãos locais do assentamento próximo de La Grange, Tennessee, então ordenou a captura de 25 dos homens “mais proeminentes” de La Grange e os enviou para Columbus, Tennessee, como prisioneiros. “Estou convencido de que não temos outro remédio para essa emboscada do que responsabilizar totalmente a vizinhança, embora a punição possa recair sobre as pessoas erradas”, concluiu.

Sherman não tinha como saber exatamente quem foi o responsável pelo ataque, mas insistiu que a população local conhecia os culpados. Se eles se recusassem a ajudar na prisão dos culpados, sofreriam as consequências.

No mês seguinte, devido à irregularidade dos embarques de suprimentos da União para as forças ocidentais e à destruição de linhas de abastecimento e instalações de armazenamento pela cavalaria confederada, o governo federal começou a endossar a forragem para compensar a escassez resultante de provisões. O general-em-chefe Halleck emitiu ordens para Grant que diziam: “Assim que o milho estiver apto para forragem, obtenha todos os suprimentos que puder dos rebeldes no Mississippi. É hora de eles sentirem a presença da guerra do nosso lado.

Nesse mesmo mês, o Departamento de Guerra emitiu as Ordens Gerais 107 e 108, sustentando a ideia de que se a propriedade privada fosse apreendida de “maneira ordenada” e não “pilhada”, seu confisco “para subsistência, transporte e outros usos do exército” era oficialmente aceitável. O exército da União havia permitido esse tipo de ação antes de 1862.

Sherman não gostou da ideia apresentada pelas Ordens Gerais 107 e 108. Acreditando que a coleta liberal levaria os homens ao caminho da pilhagem total, ele emitiu uma ordem de que a “prática desmoralizante e vergonhosa da pilhagem deve cessar, caso contrário o país se levantará sobre nós e justamente nos abater como cães e animais selvagens”. Ele insistiu que, enquanto seu comando estivesse em movimento em território inimigo, a cavalaria deveria capturar e punir qualquer retardatário envolvido em atividades destrutivas.

Naquele mesmo mês, entretanto, Sherman ficou preocupado com a cavalaria guerrilheira, já que eles estavam constantemente atacando suas linhas de abastecimento e destruindo as provisões da União. Eles atacaram guarnições federais isoladas e dispersaram seus soldados. Quando uma força maior se moveu para enfrentar os bandidos, os guerrilheiros se dispersaram em todas as direções, misturando-se à população.

Sherman começou a ver os cidadãos do sul de maneira diferente, especialmente quando eles viviam em áreas onde os guerrilheiros frequentemente operavam. “Todas as pessoas agora são guerrilheiros”, escreveu ele com raiva a Grant, “e eles têm uma compreensão perfeita” do impacto que seus ataques tiveram nas operações da União.

Sherman decidiu que se esses *bushwhackers* se escondessem entre os cidadãos locais, o exército da União deveria retaliar contra aqueles que os esconderam. “Se os fazendeiros de uma vizinhança encorajam ou mesmo permitem um grupo de guerrilheiros, eles não podem escapar das consequências necessárias”, alertou Sherman. “Não é nosso desejo ou política destruir os fazendeiros ou suas fazendas, mas é claro que existe e deve haver remédio para todos os males.”

Sherman permaneceu firme em sua crença de que a destruição arbitrária de propriedade de cidadãos privados era errada, mas agora ele acreditava que as “exigências da guerra” o forçaram a adotar uma nova abordagem. Ele continuou a insistir que, embora não fosse sua política destruir os fazendeiros e suas fazendas, aqueles que residiam nas áreas em torno da atividade das tropas guerrilheiras eram “acessórios por sua presença e inatividade para evitar assassinatos e destruição de propriedade”. Portanto, eles devem esperar uma retribuição justa.

Sherman não foi o único general da União a se afastar da postura conciliatória. Comandantes lutando contra guerrilheiros no Missouri, Kentucky, Tennessee e oeste da Virgínia também estavam ficando cansados dos incômodos.

Incursões de guerrilha contra suprimentos da União e disparos contra barcos ao longo do rio Mississippi continuaram a irritar Sherman quando suas tropas guarneceram Memphis em 1862. Em setembro, ele escreveu a seu irmão, o senador americano John Sherman, frustrado: “Já era hora de o Norte entender a verdade; que todo o Sul, homens, mulheres e crianças estão contra nós, armados e determinados.”

Sabendo que tinha a confiança do irmão, escrevia livremente. Sherman detestava as ações das tropas irregulares e, como a população civil ajudava sua causa, também ficou chateado com ela.

Sherman não acreditava que todos os civis do sul estivessem em guerra com o exército da União. Os verdadeiros inimigos, pensou ele, eram os cidadãos que apoiavam as forças confederadas. Sherman começou a levar sua perseguição aos guerrilheiros e a punição daqueles que os auxiliavam para o próximo nível. Ele começou a atacar em pontos próximos de onde os ataques ocorreram.

Dois dias depois de escrever sua carta ao senador Sherman, o general ordenou que o coronel Charles C. Walcutt do 46º de Voluntários de Ohio fosse à cidade de Randolph, Tennessee. No dia anterior, os *bushwhackers* haviam atirado no navio de abastecimento da União *Eugene* enquanto transportava carga para o sul, para Memphis. Ele instruiu Walcutt que pensava que “o ataque ao *Eugene* foi por uma pequena força de guerrilheiros de Loosahatchie, que a essa altura já voltou e, portanto, você não encontrará ninguém em Randolph; nesse caso, você destruirá o local, deixando uma casa para marcar o local”.

Sherman não conseguiu capturar os responsáveis diretos pelo tiroteio, mas, como exemplo para os outros, decidiu punir aqueles que ajudaram no ataque ao barco – ou não o impediram.

“Que as pessoas saibam e sintam que lamentamos profundamente a necessidade de tal destruição, mas devemos proteger a nós mesmos e aos barcos”, disse ele a seu subordinado. “Todos os atos como atirar covardemente contra barcos cheios

de mulheres e crianças... devem ser severamente punidos.” Sherman considerou tal *bushwhacking* além do escopo da conduta militar adequada e, portanto, sentiu-se justificado em usar todos os meios ao seu alcance, incluindo a destruição de propriedade civil, para impedir tais ações.

Sherman informou Grant sobre a destruição em Randolph e avisou que pretendia ameaçar o inimigo com ações mais duras se eles persistissem em seus ataques a barcos: “[Eu] notifiquei publicamente que uma repetição justificará quaisquer medidas de retaliação, como carregar o barcos com prisioneiros guerrilheiros onde receberiam fogo, e expulsando famílias dos confortos de Memphis, cujos maridos e irmãos vão compor esses guerrilheiros”.

Estas não eram ameaças vazias. Sherman já havia emitido uma ordem especial autorizando o reitor marechal a preparar uma lista de trinta habitantes. No caso de um barco ser alvejado ao longo do rio Mississippi, perto de Memphis, dez famílias da lista deixariam a cidade.

Em outubro, um ataque à embarcação fluvial *Catahoula* obrigou Sherman a intensificar a retaliação contra os malfeitores. Esperando que uma ação mais dura acabasse com o assédio, ele enviou Walcutt para “destruir todas as casas, fazendas e campos de milho” do correio de Elm Grove a Hopefield, Arkansas, uma distância de aproximadamente 25 quilômetros.

Além disso, ele cumpriu sua promessa de expulsar os cidadãos de Memphis. Após três ataques guerrilheiros subseqüentes ao longo do rio, ele enviou várias famílias para fora da cidade além das linhas da União. Essas táticas pareciam funcionar, pois os ataques *partisans* diminuíram por vários meses.

Enquanto descia o Mississippi de Memphis para o sul em transportes em dezembro de 1862, como parte da Campanha de Vicksburg, Sherman continuou sua política de punir aqueles que atiravam em embarcações fluviais. Ele escreveu uma ordem para seus homens que, se alvejados, as tropas deveriam desembarcar e “atacar a propriedade e os estoques [e levar quaisquer suprimentos] úteis para os Estados Unidos”. Eles deveriam queimar “as casas vizinhas, celeiros etc.” e eliminar qualquer pessoal inimigo na área.

A menos que os saqueadores encerrassem seus ataques aos barcos fluviais, ele queria garantir que eles, suas famílias e amigos sofreriam as repercussões. Para um amigo, Sherman descreveu mais tarde sua própria transformação em 1862: “[No início da guerra,] eu não deixaria nossos homens queimarem [uma] grade de cerca para fazer fogo ou colher frutas ou vegetais, embora estivessem com fome. Naquela época, éramos contidos, presos a uma profunda reverência pela lei e pela propriedade. Os rebeldes primeiro introduziram o terror como parte de seu sistema... Nenhuma mente militar poderia durar tanto tempo, e fomos forçados em legítima defesa a imitar seu exemplo.”

Naquele inverno e na primavera, durante a campanha para tomar a fortaleza do rio Mississippi, Sherman aprendeu outra lição importante que seria extremamente valiosa em suas campanhas posteriores – e mudaria a maneira como ele conduziria a guerra contra a Confederação. Ele havia observado os dois exércitos em batalha em Shiloh no início daquele ano e viu como vagões de suprimentos volumosos e lentos podiam desacelerar um exército. “[Federal

major-general Don Carlos] Buell teve que se mover a passos de tartaruga com seus vastos vagões, [enquanto o general confederado Braxton] Bragg se moveu rapidamente, vivendo do campo”, observou ele. Sherman permaneceu incerto, no entanto, se um exército da União poderia sobreviver no país hostil com tanto sucesso quanto o exército inimigo havia feito em seu próprio território.

No final de dezembro, Grant havia movido seu Exército do Tennessee para o norte do Mississippi a partir do oeste do Tennessee, estendendo suas linhas de abastecimento a quase 100 quilômetros de seu ponto de partida. O líder da cavalaria confederada, major-general Earl Van Dorn, atacando suas linhas de abastecimento e comunicação em Holly Springs e o brigadeiro-general Nathan Bedford Forrest, atacando em outros locais no norte do Mississippi, isolaram a força da União de sua base. Grant imediatamente ordenou que seus homens vivessem do campo, esperando poder restabelecer suas linhas antes de continuar a campanha. Ele ficou surpreso ao observar que seu exército vivia bem com o que encontrava nas fazendas do norte do Mississippi.

Ele comentou com Halleck que em um raio de 24 quilômetros de sua posição principal, “tudo de subsistência de homem ou animal foi apropriado para uso de nosso exército”. Grant comentou mais tarde em suas memórias: “Fiquei surpreso com a quantidade de suprimentos que o país oferecia. Isso me mostrou que poderíamos ter sobrevivido fora do país por dois meses em vez de duas semanas.”

Sherman entendeu que, por não ter que proteger uma linha de abastecimento ou comunicação, ele poderia liberar os homens usados anteriormente para proteger essa linha para uso no campo de batalha. Além disso, o exército da União poderia subsistir em um país hostil às custas do inimigo, ao mesmo tempo em que removia provisões valiosas do uso confederado.

Além disso, Sherman passou a apreciar a filosofia de Grant sobre a importância dos recursos confederados. Grant acreditava que destruir suprimentos inimigos “tendia ao mesmo resultado que a destruição de exércitos”. Sherman já havia tentado uma variação dessa tática quando puniu os cidadãos confederados por ajudar os guerrilheiros e destruiu seus suprimentos, negando assim esses bens aos irregulares. Agora ele entendia que teria que levar suas ações ainda mais longe para obter seu objetivo desejado – acabar com os ataques à navegação no rio Mississippi.

Em abril de 1863, o governo federal estabeleceria uma distinção entre civis e combatentes que habitavam a Confederação em sua Ordem Geral 100, “Instruções para o Governo dos Exércitos dos Estados Unidos no Campo”. O Artigo 22 dizia em parte que há uma “distinção entre o particular pertencente a um país hostil e o próprio país hostil, com seus homens de armas. O princípio tem sido cada vez mais reconhecido de que o cidadão desarmado deve ser poupado em pessoa, propriedade e honra, tanto quanto as exigências da guerra permitirem.” O fator-chave era a necessidade da guerra e, como o Artigo 28 apontava, havia também o direito de retaliação. A Ordem Geral 100 serviu apenas para delinear melhor o que as Ordens Gerais 107 e 108 haviam definido em 1862.

De acordo com a mentalidade do governo federal, Sherman acreditava que suas tropas deveriam tomar todas as precauções para não perturbar a propriedade dos civis que não participaram da ação de guerrilha ou ajudaram os guerrilheiros.

Na primavera de 1863, após outro incidente de invasão perto de Greenville, Mississippi, Sherman ordenou que o brigadeiro-general Frederick Steele limpasse a área de guerrilheiros e de quaisquer regulares confederados. “Se os plantadores permanecerem em casa e se comportarem bem, moleste-os o mínimo possível”, advertiu Sherman, “mas se os plantadores abandonarem suas plantações, você pode inferir que eles são hostis e podem levar seu gado, porcos, milho ou qualquer coisa que você precise.” Ele ordenou que Steele considerasse qualquer algodão, exceto aquele marcado com “C.S.”, como propriedade privada e o deixasse intacto.

Mais tarde, ele escreveu que ficou indignado com o fato de as tropas da União, apesar das ordens de Steele, “queimarem tudo o que havia para comer nas plantações”, não deixando nada para os “habitantes pacíficos”, como Sherman havia instruído. As tropas excessivamente zelosas de Steele destruindo propriedade privada tipificavam o que frequentemente acontecia em tais ataques. Quando fora da vista de seus oficiais ou quando liderados de forma negligente, os soldados muitas vezes tomavam liberdades com propriedade civil, buscando vingança ou simplesmente coletando luxos para si mesmos.

Quando Steele se ofereceu para devolver alguns dos bens adquiridos, Sherman concordou, afirmando: “A guerra, na melhor das hipóteses, é barbárie, mas envolver todos – crianças, mulheres, velhos e desamparados – é mais do que pode ser justificado. Nossos homens se tornarão absolutamente sem lei, a menos que isso possa ser verificado.”

Quando Grant marchou sobre a capital do Mississippi em maio de 1863, seus homens mais uma vez viveram com sucesso da terra. Grant não pretendia segurar Jackson. Em vez disso, ele queria remover quaisquer materiais militarmente benéficos da cidade e livrar a área de quaisquer tropas confederadas, protegendo-se assim de um ataque pela retaguarda enquanto avançava para Vicksburg. Depois de expulsar as forças confederadas, Grant distribuiu seus homens pela cidade, dizendo-lhes para “recolher provisões e forragem e recolher todas as propriedades públicas do inimigo [e destruir] a ponte da ferrovia fluvial e a estrada até o extremo leste tanto quanto possível, bem como norte e sul.”

Sherman enviou seus homens para incendiar trilhos e dormentes empilhados, aquecendo os trilhos e torcendo-os para inutilizá-los, uma tarefa que passou a ser chamada de “gravatas Sherman”. Ele ordenou a destruição de “prensas, açúcar e tudo o que não é necessário para nós”, mas advertiu novamente que “os direitos privados dos cidadãos devem ser respeitados”.

Quando Sherman recebeu a notícia de que o marechal-reitor tolerava levar o conteúdo da loja desnecessário para a subsistência das tropas, ele ordenou que o brigadeiro-general J. A. Mower investigasse o assunto. “A sensação de pilhagem e saque prejudicará a moral das tropas e trará desgraça à nossa causa”, alertou. Mesmo nesta fase, Sherman considerou seu objetivo retirar suprimentos do uso do inimigo e colocá-los em uso por suas próprias tropas. Ele ainda respeitou os direitos dos cidadãos privados e destruiu apenas a propriedade pública.

Grant continuou a ordenar que a região ao redor de Vicksburg fosse despojada “para evitar que um exército vindo para cá se abastecesse”. Ele enviou Sherman de volta a Jackson após a queda de Vicksburg para retomar a cidade do exército do general Joseph Johnston, que havia reocupado a capital.

Como durante sua primeira viagem a Jackson, Sherman destruiu e confiscou suprimentos da área dentro e ao redor da cidade. Ele também fez Johnston recuar. No entanto, esta viagem a Jackson provou ser diferente de qualquer outro ataque anterior a uma cidade durante a guerra. Sherman continuou a destruir ferrovias, mas embora não tenha sido imediatamente ameaçado ou precisando de suprimentos, ele coletou e demoliu suprimentos de Jackson e da zona rural circundante e queimou as fábricas e o algodão restantes.

Grant ordenou a Sherman que “não deixasse nada de valor para o inimigo continuar a guerra”. Sherman levou essas ordens ao extremo, relatando a seu superior que seus homens estavam “absolutamente despojando o país de milho, gado, porcos, ovelhas, aves domésticas, tudo” e que ele usava os campos de milho de primavera recém-germinado para pasto ou corte. “A destruição total a que este país está sendo submetido agora é terrível de se contemplar”, continuou ele, “mas é o flagelo da guerra... e o enfraquecimento dos recursos de nosso inimigo [está] sendo executado com rigor”.

Ele escreveu triunfantemente: “Jackson, que já foi o orgulho e ostentação do Mississippi, agora é uma cidade em ruínas”. Sherman também observou alegremente que, após seus dois ataques bem-sucedidos à capital, “Jackson deixa de ser um lugar para o inimigo coletar provisões e homens para ameaçar nosso grande rio”. Este foi o primeiro passo que ilustrou a crença de Grant e Sherman de que o exército da União precisava de um novo tipo de estratégia para vencer a guerra.

Nos meses anteriores, Sherman tentou diligentemente acabar com os ataques de guerrilha ao longo do rio Mississippi com uma série de retaliações precisas. Em seguida, ele atacou os assentamentos próximos aos pontos desses ataques, destruindo propriedades e insistindo que a população local era a culpada ou, pelo menos, estava ajudando os agressores. Em seguida, ele aumentou a área de sua retaliação para abranger não apenas as imediações do assédio, mas alguns quilômetros ao redor do local, ainda procurando por guerrilheiros e seus apoiadores. Agora Sherman tentou tornar uma região inteira completa e sistematicamente inutilizável para o exército confederado e os guerrilheiros.

Em todas essas ações, exceto uma, Sherman tomou muito cuidado para não perturbar a propriedade privada não militarmente significativa daqueles que não estavam diretamente envolvidos na guerra. Em Jackson, ele mudou sua visão sobre os cidadãos particulares e suas propriedades. Sherman agora sentia que tinha que atacar uma área maior e mais abrangente da Confederação, destruindo e confiscando propriedades públicas e privadas.

Em setembro de 1863, Sherman expôs sua filosofia emergente em uma longa carta a Halleck. Ele acreditava que o governo federal deveria lidar com cada setor da população e com a rebelião como um todo. Em geral, ele pensava que “todo membro da nação é obrigado pela lei natural e constitucional a ‘manter e defender

o governo contra todos os seus opositores, sejam quais forem'. Se não o fizerem, são negligentes”, sustentou, “e podem ser punidos ou privados de todas as vantagens decorrentes do trabalho daqueles que o fazem”.

Ele argumentou que os Estados Unidos e seus representantes tinham o direito de “remover e destruir todos os obstáculos – se necessário, tirar todas as vidas, todos os acres de terra, todas as partículas de propriedade, tudo o que nos parece adequado ... [e] que todos que não ajudam são inimigos, e não prestaremos contas a eles por nossos atos. Esta última linha lembrava sua declaração em agosto de 1862, quando advertiu que aqueles que residiam nas áreas próximas à ação das tropas partidárias eram “acessórios por sua presença e inatividade para impedir assassinatos e destruição de propriedades”.

Ele resumiu sua nova atitude em uma linha quando escreveu a seu irmão perto do final de dezembro de 1863: “O Exército da Confederação é o Sul.” Desta vez, no entanto, ele se referia a todos os residentes do sul, não apenas aqueles que viviam perto da atividade de guerrilha. Sherman continuaria a emitir ordens na tentativa de impedir que suas tropas pilhassem abertamente enquanto marchavam pelo sul, mas a propriedade privada dos civis sulistas agora corria o risco de confisco ou destruição federal se considerada lucrativa para uso confederado – ou útil para a União.

No início de 1864, Sherman continuou a lutar com os guerrilheiros que atacavam implacavelmente locais ao longo do rio Mississippi. Enquanto estava no leste do Tennessee, ele enviou o brigadeiro-general Grenville Dodge em uma missão para “caçar as pragas que infestam nosso país. Não mostre piedade a eles e se o povo não reprimir os guerrilheiros, diga a eles que suas ordens são para tratar a comunidade como inimiga.”

Em janeiro, durante uma viagem pelo Mississippi para investigar outro ataque no rio, ele escreveu acaloradamente: “Para cada bala disparada em um barco a vapor, eu atiraria mil [canhões em cada] cidade infeliz em [rios] Red, Ouachita, Yazoo, ou onde quer que um barco possa flutuar ou soldados marcharem. Quatro dias depois, ele ordenou que o brigadeiro-general A. J. Smith seguisse para o oeste do Tennessee de Columbus, Kentucky, em preparação para a expedição Meridian que se aproximava com ordens para “punir o país por permitir os guerrilheiros entre eles. Leve livremente os [suprimentos e animais] dos habitantes hostis e indiferentes” e informe-os de que, se “permitirem que seu país seja usado pelo inimigo público, deverão arcar com as despesas das tropas enviadas para expulsá-los”.

Sherman também temia que Richmond tivesse planos de tirar o controle do rio Mississippi do exército da União e reunir os pedaços cortados da Confederação, desfazendo tudo o que o exército da União havia conquistado nos meses anteriores. Ele tinha ouvido notícias sobre a reconcentração das forças confederadas no estado da Magnólia e tinha a intenção de livrar o Mississippi das forças inimigas antes de sua esperada campanha de primavera para o leste na Geórgia. Um grande número dos 30 mil soldados em liberdade condicional de Vicksburg havia entrado em serviço partidário e regular em todo o estado, aumentando o número de tropas inimigas que já estavam lá.

“Para garantir a segurança da navegação no rio Mississippi, eu mataria milhões”, declarou. “Nesse ponto, não sou apenas insano, mas louco.”

Sherman pretendia cortar o Mississippi da seção leste da Confederação, assim como Grant isolou o Trans-Mississippi com sua própria vitória em Vicksburg e a captura de Port Hudson pelo general Nathaniel Banks. Para liberar milhares de tropas de guarnição ao longo do Mississippi, desencorajar ataques de guerrilha e remover recursos militares valiosos do alcance dos confederados, Sherman queimaria, confiscaria e destruiria milho, presunto, ferrovias, depósitos, armazéns e quaisquer outros itens que pudessem ajudar o causa do inimigo.

Com essas ações, Sherman também esperava desanimar os habitantes do Mississippi, que já haviam dado sinais de que estavam ficando insatisfeitos com a guerra. No final de 1863, Sherman soube de uma série de reuniões e petições municipais em todo o estado “para considerar a questão de abandonar a Confederação”. Embora inicialmente tivesse descartado os relatórios como absurdos, ele ainda acreditava que alguns na região estavam ficando cansados do conflito. Se não, ele pretendia persuadi-los a se sentirem assim.

Sherman viveu feliz no Sul e fez muitas amizades próximas e duradouras lá. Ele acreditava que era melhor atacar e destruir material do que cidadãos. Ele planejou viajar por todo o estado, punindo a população por ajudar os *bushwhackers*, destruindo ferrovias, confiscando e destruindo milho e outros suprimentos e paralisando a capacidade e a vontade de lutar do inimigo. Aparentemente, seus objetivos eram quebrar a vontade confederada sem perda séria de vidas para nenhum dos lados.

Se fosse bem-sucedido no Mississippi, Sherman intensificaria suas atividades, salvando vidas e, ao mesmo tempo, obtendo resultados efetivos. A Campanha de Meridian, portanto, atuaria como o ensaio geral final na evolução de Sherman de uma nova filosofia de processar a guerra.

Na véspera de sua incursão no Mississippi, Sherman enviou um longo anúncio ao Major R. M. Sawyer no Alabama e o instruiu a ler a mensagem para os civis de lá “para prepará-los para minha vinda”. Ele escreveu que nos conflitos europeus, dos quais os Estados Unidos obtiveram seus princípios de guerra, o povo permaneceu neutro e foi livre para vender seus produtos a qualquer um dos combatentes. Por isso, concluiu, “a regra era e é, que as guerras se confinam aos exércitos e não devem visitar as casas das famílias ou interesses privados”.

No entanto, na Irlanda, quando os ingleses ocuparam a terra para acabar com uma revolta, eles expulsaram os cidadãos de suas terras nativas e trouxeram um novo grupo de habitantes. Sherman afirmou que o conflito americano foi uma situação semelhante. Ele argumentou, portanto, que uma vez que as “provisões, forragem, cavalos, mulas [e] carroças” da população do Sul iam para o exército inimigo, “era [era] claramente nosso dever e direito levá-los, porque de outra forma eles poderiam ser usados contra nós”.

Ele alertou que se qualquer não combatente criasse caos ou se comunicasse com partes hostis, o exército da União prenderia, baniria e puniria o culpado: “O governo dos Estados Unidos tem ‘todos e quaisquer direitos que eles escolherem

impor na guerra – tirar vidas, seus lares, suas terras, tudo deles”. O Sul havia “apelado para a guerra”, advertiu Sherman, “e deve cumprir suas regras e leis”.

“Satanás e os santos rebeldes do Céu tiveram permissão para continuar existindo no Inferno, apenas para [sentir] sua justa punição. Aos que se rebelassem contra um governo tão brando e justo como o nosso foi em paz, um castigo igual não seria injusto”, declarou. Os cidadãos do Mississippi estavam prestes a sentir o impacto do Sherman de 1864, que acreditava na guerra destrutiva, e não daquele de 1861, que se esforçou ao máximo para proteger todas as propriedades privadas dentro de suas linhas.

A Campanha Meridian foi o passo seguinte na evolução da atitude de Sherman em relação ao processo de guerra. A expedição demonstrou a Sherman e outros comandantes federais como conduzir uma “guerra dura” com sucesso. Sua importância residia mais em seu impacto na política em evolução de Sherman em relação aos civis do sul e na estratégia da União para vencer a guerra do que nas ramificações militares imediatas no Mississippi.

Sherman havia passado por uma mudança completa de atitude em relação à população do sul e sobre a independência do exército de linhas seguras de abastecimento e comunicação. Suas relações com guerrilheiros em Kentucky, Tennessee e Mississippi fortaleceram sua determinação em relação aos não-beligerantes. Sua experiência com Grant durante a Campanha de Vicksburg deu-lhe confiança para atacar aqueles que apoiavam as facções guerrilheiras nas profundezas de seu território, sem medo de que suas tropas passassem fome por falta de bens. Sherman poderia sustentar seus próprios exércitos com os recursos de seu inimigo.

Ele passou a acreditar que a melhor maneira de terminar a guerra era atacar poderosamente os recursos do inimigo, tornando-os inúteis para o prosseguimento da guerra. Essas experiências, e o que ele aprendeu ao longo das estradas lamacentas de Vicksburg a Meridian, permitiriam que ele causasse mais estragos nos suprimentos e na psique de uma população inimiga do que qualquer outro general da Guerra Civil havia feito anteriormente – e ganhasse imortalidade duradoura por isso.

Publicado no [HistoryNet](#).

****Buck T. Foster** é professor universitário no Mississippi.*
